

22/11/85 N.

Dar raízes a uma vitória

por Carlos Cardoso, da AIM

Numa manhã de Novembro de 1979 ruiu a fase rodesiana do banditismo armado. Centenas de bandidos armados, induzidos a acreditarem numa vitória fácil e espectacular, atacaram a Vila da Gorongosa, e centenas deles jaziam mortos no terreno, após combates prolongados com as FPLM. Entre os mortos contava-se o então chefe dos bandidos André Matsangaiza, cujo nome, viria a dar o título de «matsangas», aos bandidos armados no centro do país.

Algumas operações de perseguição e limpeza posteriores trariam à região um período de segurança.

Festejou-se a vitória e iniciou-se uma fase de intenso trabalho social e económico, mas o regresso das populações às suas áreas de origem, a sua não-preparação em termos militares, e uma presença menor das Forças Armadas na região, após 1980 — entre outros factores — abriram caminho para o que se seguiria.

A África do Sul «pegou» nos restos moribundos do banditismo armado e relançou o fenómeno da destabilização no biénio 1981/82. A zona da Gorongosa passaria então, a viver o período mais sombrio da sua história pós-independência.

A 28 de Agosto de 1985, repetiu-se na essência, o que acontecera em 79. A tomada da principal base dos bandidos armados na Gorongosa — a Casa Banana —, por Forças conjuntas de Moçambique e do Zimbabwe, provocou a morte de um número elevado de «matsangas» e uma séria desarticulação do banditismo na zona. Mas, desta vez pretende-se estabelecer uma diferença: o lançamento de um vasto programa inter-sectorial no distrito da Gorongosa, acompanhado por operações militares em todo o corredor central do país — para impedir a reorganização do banditismo em qualquer área desse corredor de onde o fenómeno alestraria de novo para a Gorongosa —, assim como

a organização para-militar das populações.

Uma parte do programa envolve a participação de organizações internacionais não-governamentais no apoio às gentes traumatizadas da Gorongosa.

Depois de um encontro, em Maputo, com o Ministro da Agricultura, João Ferreira, uma primeira delegação com representantes de algumas destas organizações visitou algumas áreas do distrito da Gorongosa a dia 14 deste mês.

No dia anterior, na cidade da Beira, essa delegação reuniu com o membro do Bureau Político do Partido Frelimo e dirigente de Sofala, Major-General Marcelino dos Santos, que se fazia acompanhar pelo comandante militar da província, Brigadeiro Aleixo Malunga, e por vários directores provinciais.

A delegação visitante incluía representantes da Fundação Friedrich Ebert, da RFA; do PNUD e UNICEF (Nações Unidas); do MOLISV e do

Centro Internacional CROCEVIA (Itália); da CARE e USAID; do CUSO-SUCO (Canadá); da Organização Médicos Sem Fronteiras (França); e da OXFAM (Grã-Bretanha).

Ela incluía também, o Arcebispo da Beira, Jaime Gonçalves, em representação da CARITAS, José Boquição, do Conselho Cristão de Moçambique, Hans Schoolkate, da Unidade de Direcção de Abastecimento de Águas, Sabina Santos e Alice Charles, do Secretariado Nacional da OMM, e Fernanda Cabanas, do Ministério da Agricultura.

No encontro com esta delegação, Marcelino dos Santos fez uma primeira interpretação da visita, dizendo que ela correspondia à «consciência desta ponta final do século vinte, de que todos os combates são colectivos»; acrescentou que a visita se enquadrava num processo de «consolidação da vitória da Gorongosa».

Mas, alertou, «a África do Sul está a reagir», e referiu que alguns até

ficaram zangados com a liquidação da Casa Banana.

«Estou a falar em termos de Estados», acrescentou Marcelino dos Santos, mas não deu nomes.

O dirigente de Sofala disse que a vitória de 28 de Agosto era o resultado da ofensiva contra os bandidos armados em cooperação com os nossos companheiros do Zimbabwe, e que ela traduzia «a evolução do processo histórico na África Austral».

Marcelino dos Santos especificou que «tivemos muitos sucessos diplomáticos, que complementaram os sucessos militares». A este propósito, declarou que fora preciso «muita paciência e muita clareza» para levar diversos Governos a aceitarem que a África do Sul era e é a fonte de insegurança na região.

Marcelino dos Santos recordou os sacrifícios de muitos povos e os seus combates conjuntos contra o Nazismo, para depois dizer que, no caso de Moçambique e da África Austral, quanto mais ampla for a frente contra o banditismo e o «apartheid» menor será o sacrifício.

Enquadrado igualmente a coacção internacional como contributo decisivo para o desenvolvimento rápido do país, «É mentira», frisou, «não podemos dar tempo ao tempo. Temos que avançar depressa, senão seremos esmagados».

F. repetiu: «Já não há combates isolados. Os povos sentem que a História impõe que o combate seja colectivo».

Considerando a visita como uma iniciativa bela, Marcelino dos Santos, enunciou um dos desdobramentos técnicos de toda a estratégia referente à zona centro do país, e em particular à Gorongosa. Trata-se de que «haja da nossa parte uma preocupação completa de toda a população do distrito da Gorongosa».



Marcelino dos Santos cumprimenta a delegação no primeiro dos encontros que com ela teve